

História Local, Espaço e Paisagem na Revista de História (1912-1928)

Nuno Bessa Moreira

RESUMO: Na Revista de História, dirigida por Fidelino de Figueiredo, e publicada entre 1912 e 1928, a História Local foi um dos âmbitos temáticos estudados. Convém descrever pesquisas teórico-metodológicas publicadas em Portugal. Nesta investigação são analisados os usos historiográficos das noções de *espaço, território, local, lugar e paisagem* em certos estudos no periódico referido, da autoria de Manuel Paulo Rocha, Manuel Silva, Teixeira de Sampayo. Alguns deles exibem uma visão *paternalista* do património, enveredando outros por uma historiografia crítica, de par com tentativas de investigação tributárias do escrúpulo documental do historicismo rankeano e menos devedoras da *Escola Metódica* Francesa.

PALAVRAS-CHAVE: História Local, Espaço, Paisagem, Historiografia

ABSTRACT: In the *Revista de História*, directed by Fidelino de Figueiredo, and published between 1912 and 1928, Local History was one of the thematic areas studied. This article describes theoretical and methodological research published in Portugal. This research analyzes the historiographical uses of the concepts of space, territory, place, place and landscape in some studies in the journal written by Manuel Paulo Rocha, Manuel Silva and Teixeira de Sampayo. Some of them exhibit a paternalistic view of the assets, reconciling it with other critical historiography, alongside attempts to research the documentary accuracy of Rankean Historicism, and less estimated of the Methodical French School approach.

KEYWORDS: Local History, Space, Landscape, Historiography

1. A História Local e a História da Historiografia: breves apontamentos

Os estudos incidentes sobre História Local na vertente teórico-metodológica são ainda hoje escassos, desenhando uma tendência contrária ao cultivo da História Local na sua dimensão empírica. Podem ser indiciadas algumas hipóteses. A primeira delas parece derivar do carácter alegadamente dispensável da interrogação histórico-historiográfica acerca de um domínio de investigação passível de ser encarado como *transparente*, pelo facto de possuir uma natureza eminentemente prática, partindo-se do princípio questionável de que esta se deve eximir a reflexões que a tomem como objecto principal. Acresce que a própria História da Historiografia não é, na actualidade, um domínio disciplinar que receba atenções de uma grande quantidade de historiadores portugueses. Daí que, por extensão, se compreenda o relativamente reduzido número de pesquisas no que respeita a reflexões teórico-metodológicas sobre História Local em Portugal. Todavia, aquelas que existem dão conta de uma crescente diversidade temática e metodológica, sendo alguns trabalhos assinados por investigadores da História da Historiografia. Importa analisar as reflexões teórico-metodológicas de Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes, Borges de Macedo, António de Oliveira, José Manuel Tengarrinha, Gilda Nunes e Francisco Ribeiro da Silva. Para tal, convém perceber as especificidades da História da Ciência de Clio como profissão e disciplina, que se ocupa da indagação do percurso biográfico pessoal e profissional dos respectivos cultores, contemplando: origens sociais, formação académica, habilitações e albergando o perfil e trajectória de carreira das personalidades envolvidas, cruzando-os com enquadramentos institucionais, específicos ou alargados, e investigando práticas, discursos e representações historiográficas.

Este tipo de análise pode ser aplicado aos Estudos de História Local, mas terá que ter em conta as peculiaridades destes que se prendem com: a respectiva natureza e definição; a circunscrição do seu campo de actuação; a delimitação de temáticas; a identificação e análise de metodologias. Na actualidade, num contexto de crise, discute-se a pertinência da cidadania. Julgamos que a abordagem da história local sob o prisma da história da historiografia pode ajudar a desfazer lugares-comuns que identifiquem esta última apenas com a história nacional, permitindo igualmente, por paradoxal que pareça, estimular um diálogo com uma perspectiva transnacional e comparativa da história da historiografia, defendida por Cristhophe Charle¹.

¹ Cfr. CHARLE, 1996 : pp.17-36.

Esta área disciplinar pode situar-se, como propõe Fernando Sánchez-Marcos, entre a História - Memória e a História – Ciência². Do nosso ponto de vista, a dimensão científica prevalece sobre as outras perspectivas, também necessárias, orientando-as e enriquecendo-as, e não o contrário. Por isso, são indispensáveis as reflexões que se seguem, dado que os estudos de História Local podem comportar as duas vertentes enunciadas.

José Maria Amado Mendes ressaltou a pertinência da articulação entre a história local e a formação da historiografia nacional: «Assim sendo, as perspectivas micro e macro, longe de se excluírem, completam-se (...).»³.

Em 1987, Luís Reis Torgal publicou *História...Que História? Algumas reflexões introdutórias à temática de história local e regional*. O historiador defende que, do ponto de vista historiográfico, os Annales podem ser importantes para a História Local e Regional, na medida em que pugnam pelo uso de novas fontes, mormente os testemunhos orais, mas também não esqueceram temáticas escassamente exploradas, como o quotidiano. O historiador referido eximiu-se a reverenciar esta escola histórica, apontando-lhe limites e a insuficiência ou o risco inerentes a esse tipo de atitude que fizesse *tábua rasa* de outros contributos, como o da escola metódica, ou então alinhasse por uma discutível retórica literária⁴.

Luís Reis Torgal resumiu algumas linhas de força que deveriam pautar o estudo da História Local. Em primeiro lugar, sublinhou a necessidade de os manuais do ensino básico e secundário deixarem de inscrever nas suas páginas objectivos vagamente formulados, como a inserção da escola no meio, insistindo, pelo contrário, na concretização prática e na pormenorização de tal desígnio. Por outro lado, instigou Politécnicos e Institutos a estimularem a pesquisa em arquivos e a interacção com universidades, autarquias e empresas. Acresce que, para este historiador, a pesquisa documental é tão ou mais importante do que *fazer* a História Local, destacando, por fim, a relevância científico-cultural desta última, que deve ser praticada e escrita ao arrepiro da procura do *pitresco* e da *cor local*, dado que estes contribuem para a consideração deste âmbito de estudos como um «provincianismo historiográfico».

Em 1990, José Maria Amado Mendes corroborou a importância da *História Nova*, de inspiração *annaliste*, mormente no alargamento temático, na utilização de fontes e metodologias inovadoras, materializando uma espécie de manifesto, desprovido de teor panfletário, *Para uma Nova História Local: Reflexões e Perspectivas*. O historiador envereda por uma exposição científica de cariz pedagógico-didáctico, na qual a vertente teórica não oblitera preocupações metodológicas ou de

² Cfr. Sánchez Marcos, 2005: pp. 119-127.

³ MENDES, 2000: pp. 349; 351.

⁴ Cfr. TORGAL, 1987: p.861

teor pragmático. O autor opta por um estilo inicialmente interrogativo. Indaga as formas de que se pode revestir a investigação em História Local, questionando características e tendências, sem esquecer os obstáculos que podem surgir, o perfil, a preparação ou o empenhamento dos investigadores. Estes podem ser académicos ou eruditos locais.

Segundo Amado Mendes, a História Local possui potencialidades na relação com a História Geral e face ao meio a que se refere ou no qual se desenvolve. Assim, no primeiro caso, pode: «corrigir teorias ou generalizações apressadas (...); restringir (...) o quadro de pesquisa a fim de se tornar viável uma maior aproximação ao desiderato da *história total*; retocar certas concepções acerca do processo histórico. (...) Finalmente, a história local pode ainda contribuir para humanizar a história geral, ao contrapor ao anonimato de números e estatísticas o individual, o particular, o específico. (...)»⁵. No que respeita ao turismo, os estudos de localidades e regiões são passíveis de constituir a base de guias, folhetos que sistematizam informação e potenciam o conhecimento da história e das realidades que se lhe encontram associadas. Por outro lado, a história económica e das mentalidades também não deve dispensar o potencial de atenção ao concreto e a o singular patente na História Local, que também pode relacionar-se com a Arqueologia Industrial ou a História das Empresas. Para Amado Mendes, os estudos de História Local renovados devem conciliar uma dimensão biográfica ou prosopográfica – ao arripio da história dos grandes homens – com os respectivos contextos sócio-culturais e económicos.

Em 1993, Borges de Macedo publicou uma conferência na qual, em nosso entender, a componente historiográfica se aliou a questões de cidadania ou de natureza política, em detrimento da consideração específica dos estudos de História Local, em qualquer das suas vertentes: teóricas, metodológicas ou práticas. Para este historiador, as regiões não são nem nunca foram incompatíveis com a nação ou o Estado, sendo a unidade do país dependente destas três instâncias, mutáveis ao longo da história, dependendo dos contextos, mas sempre mutuamente implicadas. Para o referido cultor de Clio, os conceitos dependem das realidades e não o contrário.

Segundo Borges de Macedo: «(...). Tal proposta (...) não basta. Nem é verdadeira. Leva a ignorar, a retirar ao património político e humano português, a riquíssima experiência permanente de observação coordenada e funcional, das áreas, assim como das regiões, suas componentes (...)»⁶. A historicidade e variabilidade dos conceitos devem ser respeitadas. Borges de Macedo era favorável à *unidade* de Portugal, respeitadora da diversidade regional, ao contrário do *unitarismo*, que a anulava. Em

⁵ MENDES, 1990: pp. 126-127

⁶ MACEDO, 1993: p.22

1995, António de Oliveira reflectiu sobre aquilo que designou como *Problemática da História Local*⁷. Para este historiador, o amor pela pátria não antagoniza com o amor pelas localidades. António de Oliveira sinaliza dois pontos orientadores da sua pesquisa. O primeiro postula, na linha de Foucault, que todo o conhecimento científico é espacial e temporalmente situado, dependendo do hegeliano *espírito da época* que, de algum modo, define cada *episteme*. O segundo consigna o carácter aplicado da História Local. O historiador mobiliza um conjunto significativo de fontes primárias e concilia os referidos documentos com uma actualizada reflexão filosófico-literária e epistemológica.

No ano de 1996, José Manuel Tengarrinha debruçou-se de modo aprofundado sobre a *Historiografia dos Estudos Locais em Portugal*, começando por advertir que a história da historiografia não deve limitar-se a enveredar por uma resenha de trabalhos historiográficos, sublinhando a necessidade de observar as características internas e externas (sociais, políticas, económicas) desta área disciplinar. Concordamos com esta perspectiva⁸. Ainda em 1996, Gilda Nunes destacou a importância da História local para a construção e manutenção de comunidades e identidades, tornando-as mais conscientes de si próprias⁹.

Em 1999, Francisco Ribeiro da Silva elaborou um trabalho eminentemente prático, começando por indicar as razões do gosto por este assunto: o aprofundamento da temática e do sentimento de identidade; a chamada de atenção da respectiva importância para História Geral; o reconhecimento da crescente relevância das periferias; o estímulo do turismo; o incremento dos progressos da Antropologia e da Etnologia¹⁰.

Quanto à utilidade da área de estudos em análise, o historiador sublinhou: o desenvolvimento da consciência cívica; o destaque positivo das diferenças entre comunidades e o reconhecimento dos defeitos de cada uma; o amor consciente e crítico à terra. Nesta medida, a pesquisa em História Local deve afastar-se do fomento de chauvinismo, narcisismo, mas também de rivalidades e oportunismos. Por outro lado, Ribeiro da Silva aconselha a não simplificar nem complicar demasiado temas em regra complexos, acerca dos quais as abordagens devem tomar consciência de que a perfeição é inatingível, devendo evitar-se o isolamento dos historiadores face a outros pontos de vista, de forma a que o seu trabalho seja redigido com clareza e acompanhado da publicação de documentos, como meios de prova e instrumentos de outras pesquisas.

⁷ Cfr. OLIVEIRA, 1995: pp.11-29

⁸ Cfr. TENGARRINHA, 1996: pp.27-48

⁹ Cfr. NUNES, 1996: pp.71-77

¹⁰ Cfr. SILVA, 1999: pp. 383-395.

As reflexões teórico-metodológicas abordadas não se debruçam sobre a importância de conceitos como espaço, lugar, território e paisagem nos estudos dedicados à História Local.

2. Espaço, lugar, território, paisagem: Uma constelação conceptual

Quanto ao espaço, vamos encará-lo como uma unidade geográfica mais ampla, que alberga as restantes, e enquanto conceito historiográfico operativo. O lugar envolve limites físicos, comportando coordenadas. Mas também pode ser perspectivado como simbólico, embora tal não aconteça predominantemente na Revista de História. O território inclui o solo, a orografia, os recursos hídricos, e aspectos relacionados com a população, história ou cultura. A paisagem também concilia elementos naturais e sociais, mas pode implicar ainda perspectivas subjectivas. A paisagem comparece na literatura ou nas artes plásticas.

Entre as duas guerras, no século XX, a definição de paisagem passou por uma fase ambígua. Conforme postula Álvaro Domingues. «A paisagem (...) era uma espécie de síntese e epifenómeno (...) entre as condições naturais (...) e a acção do homem(...)»¹¹. Síntese e epifenómeno, a Paisagem situa-se entre a Geografia Física e Humana, as ciências Naturais e as Sociais.

Jorge Gaspar divide a Geografia das Paisagens em duas tendências ou correntes: A simbólica e a que assenta em modelos de explicação¹². No nosso entender, apropriações pós modernas da paisagem, relacionadas com correntes anglo-saxónicas, identificadas com a *Geografia Radical*, devem ser perspectivadas com cuidado e cautela, dado que implicam a consignação de *raças*, *género* ou *classes*. Todavia, o regresso às paisagens é passível de constituir-se como algo que se exime a um mero e simples retorno à *velha* Geografia.

3. História Local, espaço e paisagem na Revista de História: alguns exemplos¹³

José Tengarrinha, debruçando-se sobre o *local*, sublinhou que não excede os limites de uma província comum como o *Land* na Alemanha ou o *pays* na França¹⁴. Ora, curiosamente, na língua alemã a palavra *Landschaft* corresponde a paisagem, enquanto em francês essa correspondência cabe ao vocábulo *paysage*. Contudo, na

¹¹ DOMINGUES, 2001: p.55

¹² GASPAR, 2001: p.87

¹³ Cfr. MOREIRA, 2012: pp.766-796

¹⁴ Cfr. TENGARRINHA, op. cit.p.31

Revista de História, o termo paisagem não é de todo frequente, o que não impede que nela compareçam as realidades que lhe digam respeito.

Sobre a história local foram reunidas dezasseis contribuições, maioritariamente empíricas, no periódico – destacaremos algumas – correspondentes a outros tantos artigos, escritos por oito colaboradores: Manuel João Paulo Rocha, Pedro de Azevedo, Luís Teixeira de Sampayo – com três textos publicados –, mas também Manuel Silva e Ernesto Sales, que deram à estampa dois estudos e, ainda, limitados a participações singulares, Manuel João Paulo Rocha, o Abade de Baçal e José Jardim. Apesar de os colaboradores da *Revista de História* serem todos eruditos, a erudição não se manifesta de forma única, homogênea. Em alguns casos, a biografia e o memorialismo convivem com o *antiquarismo* e o historicismo de Ranke. Todavia, nos artigos de História Local verifica-se um domínio repartido entre a tendência memorialista/biografista e a inspiração germânica, portadora de um romantismo crítico. Por outro lado, parece igualmente relevante a procura de afirmação de uma tradição municipal e municipalista, na linha de Alexandre Herculano.

Logo em 1912, Manuel João Paulo Rocha debruça-se sobre o *Concelho de Lagos* – Freguesia de Nossa Senhora da Luz. Ainda que o artigo se centre em exclusivo na circunscrição territorial mais pequena, a assunção da maior cumpre funções de enquadramento. Esta circunstância permite confirmar a necessidade de dar a conhecer uma localidade muito afastada de Lisboa às elites da capital.

Manuel João Paulo Rocha utiliza alguns documentos, usando-os com um desígnio turístico, de promoção da freguesia lacobrigense na actualidade. Fica esboçada uma descrição turística da paisagem. O autor revela interesse em evitar enganos no reconhecimento da freguesia de Nossa Senhora da Luz de Lagos, merecedora de uma viagem a partir de outras paragens¹⁵. As coordenadas geográficas descrevem o espaço físico, encarando-o como lugar dentro de um território mais vasto, que o articulista se exime a pormenorizar.

Entre Julho e Setembro de 1913 foi publicada no periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo a proposta anteriormente elaborada em sede da Sociedade Nacional de História da realização do *I Congresso Ibero-Americano de História e Ciências correlativas*¹⁶, que confere relevância à História local. Em 1914, Fidelino de Figueiredo debruçou-se sobre a importância desta matéria nos seus *Programas de história no ensino secundário*¹⁷.

¹⁵ Cfr. Rocha, 1912: p. 250.

¹⁶ Cfr. FERREIRA, 1913: pp. 200-201

¹⁷ Cfr. FIGUEIREDO, Fidelino, 1915: pp. 37-44

No ano de 1915, Manuel Silva realizou um trabalho onde se nota a influência de Alexandre Herculano, intitulado *Varazim de Jusaão, Subsídios para a História Local*, dedicando-o a Gama Barros.¹⁸

Por isso, o articulista aplica o modelo herculaniano de classificação dos municípios ao seu estudo, no qual procura perceber as características geográficas, as origens históricas, os costumes, as tradições e as formas de povoamento da localidade. Todas estas características indiciam a descrição das dimensões naturais e sócio-culturais de paisagem.

Em 1918, Luís Teixeira de Sampayo dá à estampa, na *Revista de História*, o seu primeiro estudo de História Regional, intitulado *O Testamento de um prior da aldeia no Século XVII (...)*. Começa por uma análise sumária da fonte por ele escolhida: «A raridade nas collecções e arquivos portuguezes de documentos de caracter intimo, taes como cartas, memorias e diarios, torna-se sensivel em relação ás classes médias e humildes no nosso paiz nos tempos passados.»¹⁹.

O testamento do prior reporta-se a Vale da Pinta, no Cartaxo, localidade cuja História é brevemente sumariada pelo colaborador da *Revista de História*, por ser dela oriundo. A paisagem natural encontra-se ausente deste estudo, cedendo o lugar a uma paisagem monumental, apresentada sem qualquer detalhe.

Em 1919, surgiram os segundos *Estudos de História Regional, os Chavões*, dedicados por Teixeira de Sampayo à propriedade assim nomeada. Impõe-se nova evocação de pendor nostálgico, desta vez eivada de fino recorte jornalístico, com sabor Garretiano, onde assoma o olhar do observador como cúmplice da paisagem, natural e construída²⁰. Assim, o desgaste dos *Chavões* no dealbar do século XX, devido a uma catástrofe natural, motivou a necessidade de resgatar a grandeza do seu passado histórico, presente em documentos que acompanham a evolução da propriedade desde a Idade Média. Para o colaborador da *Revista de História*, a tradição ilumina a actualidade, que não a dispensa para poder sobreviver dignamente.

O terceiro *Estudo de História Regional, Um Homizio na Aldeia*, mantém a predilecção por uma fonte primária manuscrita específica: um testamento, dado que ele permite colocar em segundo plano a História política de Reis e Rainhas, colocando em seu lugar personalidades mais comuns, cuja vida se confunde com a de pequenas localidades: «Em Portugal (...) raras vezes convivemos atravez dos documentos com os individuos que constituiram o “todo o Mundo” ignorado do velho Portugal. (...)»²¹.

¹⁸ Cfr. SILVA, 1915: p. 145.

¹⁹ Sampayo, 1918: p. 277.

²⁰ Cfr. Sampayo, 1919: pp. 172-173.

²¹ Sampayo, 1923: p. 134.

Neste artigo, a paisagem comparece como sinónima de uma forma de propriedade. O *homizio* pode ser encarado como um lugar dentro de um território mais vasto, a aldeia.

4. Reflexões teórico-metodológicas sobre História Local: Manuel Silva e Possidónio Laranjo Coelho

Em 1913, fora da Revista de História, Fidelino de Figueiredo concluiu um artigo intitulado *Os estudos de história local*, no qual defendeu que a difusão de trabalhos desse teor teria duas consequências: o desenvolvimento da História Nacional (entendida como conjunto das monografias locais) e do sentimento local²².

No penúltimo trimestre de 1913, Manuel Silva publica, na *Revista de História*, *Schema de História Local*, trabalho pioneiro e singular no que tange à reflexão teórico-metodológica sistemática sobre História Local, a caminho de uma progressiva certificação científica, sendo a História Local enquadrada no seio da História Geral, dela não se autonomizando inteiramente, instituindo-se como ciência auxiliar: «Assim é que a *História*, (...) não prescinde das informações e auctoridades da geologia e da geographia, da anthropologia e da ethnographia, da archeologia, da sociologia, da nomologia, da arte e da litteratura (...)»²³. Nota-se o apelo implícito – quase residual na *Revista de História* – à interpenetração, materializada talvez pela História, entre ciências naturais e humanas.

Manuel Silva reconhece o atraso organizativo-metodológico da História Local portuguesa face à espanhola e apresenta um *Schema*, solidário da construção de uma História nacional e não separado dela, comparando-a à edificação de um monumento²⁴. Este esquema é assumido sobretudo como um instrumento de trabalho. Nele encontra-se plasmada uma concepção da Ciência de Clio que julgamos tributária da valorização do *meio* e do *momento* realizada por Taine, que também consignara a *raça* enquanto coordenada fundamental da História²⁵.

Em 1926, na revista *O Instituto*, Possidónio Laranjo Coelho publicou uma comunicação intitulada *Vantagens do Estudo das Monografias Locais para o conhecimento da História Geral Portuguesa*. Ignoramos se o autor conhecia o estudo de Manuel Silva ou se pretendeu responder aos esforços do colaborador da Revista de História, complementando-os ou servindo-lhes de contraponto. Todavia, a questão do desconhecimento parece-nos discutível e pouco sustentável, dado que Possidónio Coelho demonstrou estar a par do alegadamente grande desenvolvimento da História Local francesa coeva.

²² Cfr. FIGUEIREDO, 1912: pp.185-189

²³ SILVA, 1913: p. 182.

²⁴ *Ibid.*, p.183.

²⁵ *Ibid.*

Refere-se, igualmente, de modo elogioso ao trabalho meritório num âmbito *análogo* realizado em Espanha desde 1907 pela Junta de *Ampliación de Estudios Históricos* e, a partir de 1910, pelo Centro de Estudios Históricos. Sublinhe-se que Possidónio Laranjo Coelho demonstrou conhecer o plano de organização de monografias realizado pelo *Comité des Travaux Historiques et Scientifiques*.

Por outro lado, evidencia conhecimento de dois questionários, um realizado em 1894 pela Comissão dos Monumentos Nacionais e outro, da autoria de Paulo Merêa, sobre Direito Consuetudinário. Quanto ao plano proposto por Laranjo Coelho, convém destacar que exhibe uma preocupação genérica semelhante à de Manuel Silva, dado que aquele também defende uma História Local abrangente e diversificada: «De uma maneira geral parece-nos aproveitável o plano (...), se não completo, pelo menos abrangendo os factos essenciais para o estudo de uma localidade nos seus aspectos geofísico, histórico, económico e social»²⁶. Este autor defende, tal como Manuel Silva, a importância da história local para a nacional. Ambos coincidem na articulação dos elementos das ciências naturais com os das sociais e humanas. Contudo, neste ponto, Laranjo é mais afirmativo na solidariedade manifestada face à autonomia do último grupo de ciências referido.

O plano de Laranjo Coelho resulta menos epistemológico do que o de Manuel Silva, preocupando-se, em menor grau, com a natureza e os limites das disciplinas do que com uma vertente prática e pragmática da história Local, cuja utilidade ultrapassa o âmbito histórico e científico. O plano de Laranjo Coelho apresenta estas preocupações cívicas de modo implícito, mas mais efectivo, talvez, do que o de Manuel Silva. Quanto ao projecto de História Local daquele autor, contempla o meio natural, a história, o lugar, a população a vida económica, a propriedade imobiliária, a vida administrativa (municípios, organização militar, asilos, hospitais, entre outros) e a vida religiosa (procissões, mosteiros, confrarias)²⁷.

5. Considerações Finais

A História Local e Regional presente na Revista de História está ainda a dar os primeiros passos enquanto sector ou sub-disciplina na área da História. Prova disso, a excepção que constitui o trabalho *Schema de História Local* da autoria de Manuel Silva, pelo seu cariz teórico, mas também por incitar a uma interdisciplinaridade alargada. No entanto, na maioria das contribuições avulta a publicação de fontes primárias, ou a sua crítica externa. A interna, efectuada por Manuel Silva para o caso da Póvoa do Varzim, é quase inexistente. De qualquer modo, o conceito de paisagem

²⁶ COELHO, 1926: p.297

²⁷ Cfr, COELHO, Possidónio, op. cit, p.99

dominante concilia de forma maioritariamente impressionista a dimensão natural com a vertente humana. Por outro lado, a pesquisa documental e o rigor erudito protocientífico convivem com o *amor à terra* de pendor romântico, utilizado como instrumento do nacionalismo. A História Local de cariz ilustrativo ou pitoresco existe, mas não é dominante.

Referências Bibliográficas

Fontes

- COELHO, Possidónio Laranjo (1926) – *Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da história geral portuguesa*. «Revista O Instituto», vol.73, Coimbra: Imprensa da Universidade, pp.285-303.
- FERREIRA A. Aurélio da Costa (1913) – *I Congresso Ibero-Americano de Historia e Sciencia Correlativas Projecto*. «Revista de História», volume 2, número 7, Lisboa:Clássica Editora pp.200-201.
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1912) – Os estudos de historia local. «Limiana, Revista Literária Pontelimensense», vol I, Viana, Oficina de José de Sousa, pp.185-189
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1915) – Programas de História no Ensino Secundário. «Revista de História», vol. 4, n.º 13. Lisboa: Clássica Editora, pp. 37-44.
- ROCHA, Manuel João Paulo (1912) – *Historia local: concelho de Lagos – freguesia de Nossa Senhora da Luz*. «Revista de História», vol. 1, n.º 4. Lisboa: Clássica Editora, pp.250-253.
- SAMPAYO, Luís Teixeira de (1918) – *Estudos de história regional: o testamento de um prior de aldeia no século XVII*. «Revista de História», vol. 7, n.º 28. Lisboa: Clássica Editora, pp.277-290.
- SAMPAYO, Luís Teixeira de (1919) – *Estudos de história regional: os Chavões*. «Revista de História», vol. 8, n.º 31. Lisboa: Clássica Editora, pp.172-205.
- SAMPAYO, Luís Teixeira de (1923) – *Estudos de história regional: um homizio na aldeia*. «Revista de História», vol. 12, n.º 46. Lisboa: Clássica Editora, pp.134-143.
- SILVA, Manuel (1913) – *Schema de historia local*. «Revista de História», vol. 2, n.º 7. Lisboa: Clássica Editora, pp.182-183
- SILVA, Manuel (1916) – *Varazim de Jusaão nas fórmulas d’Herculano: subsídios para a história local*. «Revista de História», vol. 4, n.º 14. Lisboa: Clássica Editora, pp.145-158

Estudos

- CHARLE, Christophe (1996) – *Les intellectuels en Europe au XIXe siècle: essai d'histoire comparée*. Paris: Editions du Seuil.
- DOMINGUES, Álvaro (2001) – *A paisagem revisitada*. «Finisterra», volume XXVI, número 72, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, pp.55-66.
- GASPAR, Jorge (2001) – *O Retorno da paisagem à Geografia Apontamentos místicos*. «Finisterra», Vol. XXXVI, número 72, pp.83-99.
- MACEDO, Jorge Borges (1993) – *Unidade de Poder e Diversidade de Situação nas Áreas regionais em Portugal*. In MATOS, Álvaro, RASGA, Raúl, coord. – *Primeiras Jornadas de História Local e Regional (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)*, Lisboa: Colibri, pp.11-33.
- MENDES, José Maria Amado (1996) – *Caminhos e Problemas da Historiografia Portuguesa*. «A Nova História Regional e Local». In TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Maria Amado e CATROGA, Fernando, dir – *História da História em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp.422-423.
- MENDES, José Maria Amado (1990) – *Para uma Nova História Local: Reflexões e Perpectivas*. «Revista Beira Alta», fascículos 1 e 2, Viseu, 1990, pp.125-134.
- MENDES, José Maria Amado (2000) – *História local e memórias: do Estado- Nação à época da globalização*. «Revista Portuguesa de História», tomo XXXIV, Coimbra: 2000, pp. 349-368.
- MOREIRA, Nuno Bessa (1912) – *A Revista de História (1912-1928): uma proposta de análise histórico-historiográfica* (2 Vols.), Porto: FLUP [Dissertação de Doutoramento em História].
- NUNES, Graça Maria Soares (1996) – *A História regional e local – contributos para o estudo das identidades locais*, «Cadernos de Sociomuseologia», número 8, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, pp.71-77.
- OLIVEIRA, António de (1995) – *Problemática da história local*. In Colóquio *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XIX*, Faial, Núcleo Cultural da Horta, pp.11-29.
- SÁNCHEZ MARCOS, F. (2005) – *From Science-History to Memory-History?: The Attractiveness and Risks of a Historiographical Trend*. «Storia della Storiografia», no. 48, pp. 119-127.
- SILVA, Francisco Ribeiro da (1999) – *História local: objetivos, métodos, fontes*. História Local: objetivos, métodos e fontes. In Carlos Alberto Ferreira de Almeida. In *Memoriam*.II vol. Porto: Faculdade de Letras, 1999. pp. 383-395.
- TENGARRINHA, José Manuel (1996) – *Historiografia dos Estudos Históricos Locais em Portugal*. In Joseba Azkuenaba; Mikel Urquijo coord. – *Perspectivas de*

História Local: Galicia e Portugal.), Bilbao, Servicio Editorial Universidad del País Vasco, pp.27-48.

TORGAL, Luís Reis (1987) – *História...Que História? Algumas reflexões introdutórias à temática de história local e regional.* «Revista de História das Ideias», vol.9, número 2, Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, pp.843-867.